

Mídias e violências de gênero

O cenário contemporâneo tem evidenciado avanços importantes no combate às desigualdades de gênero e nas lutas de movimentos sociais e feministas, mas também o recrudescimento da violência contra as mulheres e população LGBTQIAP+, estimulado pelo fortalecimento de grupos de extrema-direita em diferentes contextos, inclusive no Brasil. Como ocorre historicamente, a mídia tem estado no centro da atenção e da atuação desses diferentes atores sociais, agora inseridos em um novo ecossistema midiático, que tanto proporciona oportunidades para experiências comunicativas emancipadoras quanto amplifica e atualiza discursos de ódio e práticas violentas contra mulheres e pessoas LGBTQIAP+.

É este o contexto deste número da revista Estudos em Jornalismo e Mídia, com o presente dossiê temático sobre mídias e violências de gênero. Quando lançamos a chamada para artigos, em abril de 2024, um dos objetivos era incentivar análises e reflexões sobre a relação das mídias com a violência de gênero, tanto no que diz respeito às desigualdades quanto às resistências nos processos comunicacionais. A comunidade científica respondeu com entusiasmo. Recebemos 54 submissões, de todas as regiões do Brasil e de colegas do exterior, especialmente da América Latina e da Espanha, o que demonstra o interesse de pesquisadores e pesquisadoras sobre o tema e a necessidade da defesa de uma sociedade livre de violência de gênero. Como de praxe, mobilizamos dezenas de especialistas na temática e, após um rigoroso processo de dupla avaliação cega, foi selecionado um conjunto de trabalhos explorando objetos de estudo diversos sobre violência de gênero em diferentes processos comunicacionais. São 18 artigos que contemplam mobilização rigorosa dos estudos de Gênero e Comunicação, a partir de diferentes desenhos de pesquisa. Com eles, acreditamos oferecer uma discussão qualificada sobre o problema da violência de gênero e os diversos modos como se relaciona com o campo das mídias e do jornalismo.

Os artigos podem ser lidos a partir de quatro eixos. No primeiro deles, reunimos nove trabalhos que se preocupam com a cobertura jornalística ou com a midiaticização da violência contra as mulheres, a partir de perspectivas interseccionais, com observação detida para dimensões de raça e sexualidade. As distintas faces da violência, patrimonial, política, sexual até o feminicídio são objetos da reflexão crítica.

No segundo eixo, agrupamos três trabalhos que se dedicam a observar o fazer jornalístico sob uma perspectiva generificada crítica, desvelando como as desigualdades interferem no exercício profissional. No terceiro eixo, estão dispostos cinco artigos que se voltam para dinâmicas do ativismo feminista na produção de (contra)informação. Por fim, o quarto eixo, com um artigo, refere-se a narrativas ficcionais e o seu potencial de promover amplo debate público sobre as violências.

O dossiê inicia com o artigo “Violência de gênero e jornalismo: reflexões epistemológicas a partir de narrativas de um problema cotidiano”, de Elton Antunes, Carlos Alberto Carvalho e Bruno Souza Leal. Nele, os autores defendem que os estudos empíricos de realidades multifacetadas de problemas como as violências de gênero, físicas e simbólicas, mostram a necessidade de “compreender como, no jornalismo, regimes de tornar visível e gerar invisibilidades estão intimamen-

te associados”. A pesquisa sobre coberturas jornalísticas realizada pelos autores indicou que “as violências de gênero quase nunca são assim caracterizadas pelo jornalismo, assim como estão praticamente ausentes dimensões de raça, classe, orientação de gênero e outras”.

O segundo artigo é uma co-autoria de Maria Aparecida Ferrari, Cláudia Lago e Lorena de Andrade Trindade. Elas discutem a diferença no tratamento da cobertura jornalística entre mulheres brancas e negras, no texto intitulado “Atravessamentos de raça e classe na cobertura de feminicídios na imprensa brasileira”.

Em “Lesbianidades, estupro e violências: uma análise de registros policiais e jornalísticos”, Dayane do Carmo Barretos, Joana Ziller e Kellen do Carmo Xavier demonstram como a heteronormatividade é um operador nas notícias sobre os crimes contra mulheres lésbicas.

O agendamento da violência de gênero nas chamadas revistas femininas, em especial no site da Capricho, publicação voltada para o público adolescente, é o objeto do estudo de Beatriz Vianna e Renata Tomaz no trabalho “Percepções do agenda-building na Capricho: a violência de gênero como dado cotidiano”. As autoras trazem como resultados a percepção de que a violência é noticiada de forma recorrente e entendida como um dado cotidiano, aportando uma perspectiva didática para a compreensão do público leitor sobre o tema.

A reflexão sobre o problema da violência política de gênero também está contemplada no dossiê. O estudo “Trajetórias interrompidas, insultos dissimulados a violência política de gênero online”, assinado por Letícia Sabbatini Malta Amaral da Silva e Viktor Chagas, analisa agressões contra parlamentares nas plataformas X/Twitter, Facebook, Instagram e YouTube, mostrando as estratégias dos ataques discursivos.

A interface entre rede social e o problema da violência é abordada também por Maria Clara Aquino, mas, neste caso, o estudo se volta para a apropriação da rede Instagram como meio para a visibilidade e denúncia da violência. No texto “Não vou mais calar a boca para ficar em paz: a exposição da violência patrimonial no Instagram, a autora apresenta as dimensões da violência patrimonial, a partir da análise da denúncia de uma pessoa célebre, a atriz Samara Felippo, por meio das redes digitais.

Casos históricos de violência de gênero completam esta primeira parte do dossiê, cuja ênfase é a cobertura do tema. Em “Trauma, silenciamento e violência midiática: o caso Leila Cravo”, Gabrielle Sevidanes e Wedencley Alves analisam o podcast “Leila”, de 2022, observando as estratégias acionadas para tratar da violência psicológica sofrida pela jornalista Leila Cravo, depois de ter sido vítima de violência física e sexual. Após o crime, sua vida profissional foi intensamente afetada. A autora e o autor consideram a responsabilidade da mídia pelo seu apagamento, potencializando o trauma sofrido.

Também dos anos 70, o tratamento jornalístico do famoso caso Nejaim, em Pernambuco, é o objeto de estudo de Amanda Tavares de Melo Diniz. Intitulado “Caso Nejaim: a violência doméstica e familiar em pauta no Diário de Pernambuco”, o artigo analisa a cobertura realizada pelo jornal pernambucano em 1971. Conclui que o “o discurso jornalístico se coloca em movimento pendular entre, de um lado, discutir temas controversos para tirar preconceitos e violências da invisibilidade e, do outro, retroalimentar processos sexistas, racistas e classistas que, em última análise, acabam por promover práticas sensacionalistas e potencialmente revitimizadoras”.

Oitavo artigo do dossiê, “Guerrilheiras (in)visibilizadas: o olhar do Estadão sobre as militantes do Araguaia” encerra a seção sobre coberturas da imprensa. O artigo de Tatiane Moreira Análio e Ana Carolina Lima Santos como investiga como O Estado de São Paulo noticiou a participação feminina na Guerrilha do Araguaia do início do conflito, durante a ditadura civil-militar, até 2023, e discute como a cobertura do jornal se constitui enquanto uma violência política de gênero fundada na própria prática jornalística.

Entre os artigos dedicados a investigar o fazer jornalístico sob uma perspectiva generificada crítica, está o de Giovana Kebian e Igor Sacramento - “silenciamento de mulheres jornalistas: gênero, violência e autointerdição”. O estudo analisa como o gênero e as relações de poder que estruturam as agressões contra as jornalistas desempenham um papel central no silenciamento das profissionais. A partir da análise dos relatos de quatro mulheres jornalistas em entrevistas concedidas à imprensa, o estudo identificou que “há o deslocamento do ethos jornalístico após a experiência de se tornarem vítimas de agressões, passando a restringir ou até mesmo interditar seus discursos”.

Abordando temática semelhante e partindo de entrevistas com profissionais, o artigo “Mulheres jornalistas sob ataques: violências de gênero e riscos na cobertura política brasileira”, de Catharina Iavorski, Karina Janz Woitovicz, Paula Melani Rocha e Felipe Simão Pontes, reflete sobre os desafios enfrentados pelas mulheres no exercício da profissão, durante o governo de Jair Bolsonaro (2019-2022).

Por sua vez, Karina Gomes Barbosa e Rafiza Varão abordam como as questões de gênero e sexualidade estão previstas nas normativas da profissão, no artigo “Corpos ausentes: gênero e sexualidade em códigos deontológicos sobre jornalismo no Brasil”. As autoras percebem as maneiras de tratamento mais recorrentes: a completa omissão; a menção vaga às questões; e a violação de direitos. As autoras consideram que as ausências e os preconceitos contidos nos códigos estão relacionados aos valores sedimentados na cultura profissional.

Na sequência, o texto “Comunicação Pública da Ciência e feminismo: estratégias do Projeto Vivas no Instagram”, de Maíra Lemos, Marcelo Garcia e Simone Evangelista, abre a série de cinco trabalhos relacionados a práticas de ativismo. O estudo analisa o ativismo em prol do acesso ao aborto legal no Brasil, por meio do Instagram.

Em “Cite duas mulheres que você admira”: expressões da violência de gênero em resposta ao ativismo digital de mulheres gamers, as pesquisadoras Karin Cristina da Silva, Alice Lima, Amanda Renaly e Ana Luísa Pereira investigam a violência de gênero a partir das represálias sofridas pela streamer Bruna Balbino. Em comentários deixados após um vídeo que trazia o questionamento sobre quais mulheres e quais homens eram admirados no mundo gamer, elas identificaram a ridicularização de mulheres e os estereótipos depreciativos.

Já o artigo “Redes latino-americanas de cuidados digitais e produção de narrativas ético-feministas”, apresenta um estudo sobre duas redes latino-americanas vinculadas a práticas de cuidados digitais - a Ciberseguras e a MariaLab, identificando estratégias comunicacionais desenvolvidas e centradas na produção de narrativas. Segundo as autoras - Aline Amaral Paz e Sandra Rúbia da Silva -, as duas redes desenvolvem ações de socialização de informações entre mulheres e diversidades sexuais; produção de redes autônomas tecnológicas entre feministas; e redução do impacto das violências na internet contra mulheres e comunidades vulneráveis.

Com temática também relacionada ao ativismo, a pesquisa de Mariana Fagundes Ausani aborda ataques e violências de gênero sofridos por membros de publicações midiativistas feministas digitais no Brasil (AzMina, ThinkOlga e Lado M) e na França (Georgette Sand, Les Glorieuses e Madmoizelle), buscando identificar as estratégias traçadas pelos grupos para promoção de equidade de gênero e combate a discursos de ódio. O artigo, intitulado “Combate a violências de gênero e ataques contra o mundo do midiativismo feminista: desafio transnacional”, mostra que o envolvimento em espaços feministas digitais promove o intercâmbio coletivo e cria conexões para além da esfera digital.

Ainda relacionado ao contexto latino-americano, “Chega de assédio nas ruas: Cartografia das produções audiovisuais na América Latina”, de autoria de Sandra Arencón-Beltrán, Salomé Sola-Morales e Macarena Hernández-Conde faz uma cartografia das produções audiovisuais digitais que tratam do

assédio sexual nas ruas. Através de etnografia virtual e da análise de conteúdo, exploram tipos e funções de vídeos, representação de agressões e soluções propostas. As autoras concluem que a maioria dos conteúdos é produzida pelo movimento feminista, com pouca participação de instituições públicas. Sobre as representações, observam a predominância de enfoques que trazem as mulheres apenas como vítimas.

Atentas ao modo como a violência de gênero aparece na produção ficcional, Dayana Cristina Barboza Carneiro e Tamires Ferreira Coêlho dedicam-se ao estudo dos “enquadramentos da violência contra mulheres na série Bom dia, Verônica”, texto que encerra os artigos do dossiê. As pesquisadoras analisam a forma como o vilão do produto ficcional é apresentado, a fim de discutir os problemas da patologização do agressor.

Duas resenhas de livro encerram o dossiê e esta edição da revista: “Esperança feminista e aproximações com o jornalismo”, de Thaís Araujo de Freitas, e “Quem tem medo de gênero? Judith Butler (2024)”, elaborada por Letícia de Faria Ávila Santos.

Por fim, a revista Estudos em Jornalismo e Mídia e as editoras convidadas agradecem o engajamento da comunidade acadêmica preocupada em refletir sobre o urgente enfrentamento das violências desde a Comunicação. Além de todas as pessoas autoras que submeteram seus trabalhos ao dossiê, agradecemos àquelas que participaram do processo de avaliação e fizeram pareceres, bem como às envolvidas na revisão final, diagramação e edição. Nosso reconhecimento também ao importante trabalho feito pela equipe do Portal de Periódicos da UFSC, que sempre nos atendeu com orientações e suporte ágeis e eficientes.

Desejamos uma ótima leitura!

Editoras convidadas

Terezinha Silva (UFSC)

Rayza Sarmento (UFPA)

Jessica Gustafson (UFSC)